

Carlos Pompilio



O TEMPO DA MEDICINA

Narrativas médicas:
do lugar existencial do médico
às tensões históricas da medicina



VIAVERITA

O Ethos Médico e o Espírito do Capitalismo

A medicina do final do século XIX, em especial, no Novo Mundo, não tinha o discurso fascinante e poderoso, nem, tampouco, o *status* da atual. Abrigava em sua maleta múltiplas teorias de doença e concepções de tratamento que a dividiam em escolas beligerantes; era praticamente ineficaz; não tinha nenhum tipo de controle governamental e, certamente, por isso tudo, era também mal remunerada e pouco reconhecida como profissão. Na América do Norte, a situação não era diferente. Os médicos norte-americanos, do começo do século XIX, não tinham lá uma boa fama. Tal arquétipo encarnado pelo premiado⁸⁶ Thomas Mitchell, que interpretou o médico alcoólatra Doc Josiah Boone, no filme "No tempo das diligências", de John Ford, com John Wayne no elenco, estava mais para um fracassado do que para bom partido. Seu enorme coração e sua coragem não garantiram ao Dr. Boone os almejados bons resultados. Sua especialidade era mesmo os destilados de milho do Velho Oeste.

Na década de trinta, contudo, a medicina norte-americana já era uma profissão organizada em sociedades médicas tanto de caráter econômico, como científico. Revistas médicas proliferaram. Os médicos passaram a ascender socialmente, aumentando seus ganhos financeiros e também sua importância no cenário político das cidades. Faculdades de medicina e hospitais tornaram-se o centro da prática médica doravante concebida como atividade tecnológica e voltada para obtenção de resultados objetivos. O que teria ocorrido? Qual mudança seria responsável por esse salto de qualidade em poucas décadas? Qual onda de modernidade daria conta de passar a limpo a medicina e tornar os EUA a potência biomédica que são hoje? Conta a história oficial que, no início do século XX, grandes reformas na educação médica foram instauradas e ajudaram a organizar o grande caos que reinava no Canadá e nos Estados Unidos. Abraham Flexner, educador e professor americano, foi o mentor dessa reforma. Visitou 155 escolas de medicina (131 dos EUA e 24 do Canadá)

86. Oscar de melhor ator coadjuvante em 1939.

e produziu um relatório⁸⁷ que é seminal nas discussões sobre o ensino médico até hoje. Nesse relatório, ele define o que seria um currículo ideal para as faculdades de medicina tendo como modelo o da Universidade Johns Hopkins. Dezenas de escolas médicas que não se adequaram ao novo modelo foram fechadas. Feita a poda, a medicina poderia, então, florescer e dar bons frutos na América do Norte.

Mas algumas questões sobre esse *mainstream* histórico têm sido levantadas. Em especial, porque, talvez, muitas das causas da crise que se abate sobre a medicina em vários lugares do mundo podem ter sua origem nesse período extremamente turbulento da história da humanidade. A transição, à qual me referi acima, e os consequentes modo de ser, de fazer, do que valorizar e como proceder moralmente, o que tenho chamado genericamente de *ethos* médico, que se instituíram a partir de então foram forjados no espírito do capitalismo agressivo e esfomeado do início do século XX, que tomou de assalto não só a medicina e outros empreendimentos humanos (como, por exemplo, o surgimento do *show business*, entre outros), mas, também, todo o sistema de ensino norte-americano, dado que a falta de mão de obra especializada se constituía no grande óbice à formidável expansão econômica que logo se seguiu.

No Brasil, a crise gerada pelo programa federal denominado *Mais Médicos* em 2013 – alegadamente objetivando preencher vazios assistenciais que os esculápios autóctones não conseguiam (ou não queriam) preencher – nos serviu como estímulo a uma releitura histórica e reflexiva do processo de formação de médicos no Brasil. Reduzir a medicina a um instrumento político, como frequentemente se faz ao utilizá-la com propósitos eleitoreiros, pode até ser eficaz, mas é perigoso e a história é pródiga em exemplos que mostram que quem mais sofre com isso sempre são os mais indefesos. Vivemos as vicissitudes de um modelo médico que escolhemos há mais de 100 anos. Achar que as responsabilidades desse modelo recaem apenas em seus executores

87. O Relatório Flexner pode ser encontrado na íntegra em formato pdf no link http://archive.carnegiefoundation.org/pdfs/elibrary/Carnegie_Flexner_Report.pdf. Ver também a nota 8 abaixo.

de jaleco branco é um ato de leviandade. Aos leitores médicos, não reconhecer nossas responsabilidades sobre tal situação é covardia. Que outros, estimulados por essas palavras, possam nos ajudar também a reconfigurar essa história. Talvez assim, seja possível entender o presente caótico e planejar um futuro melhor. Voltemos no tempo, pois, mais precisamente para o início do século XX, onde recebemos visitas importantes.



Alan Gregg (cerca de 1919).
Do Profiles in Science (domínio público).